

A PROFECIA APOCALÍPTICA COMO CHAVE HERMENÊUTICA PARA DECODIFICAÇÃO DO CONCEITO SINÓTICO DE REINO DE DEUS

APOCALYPTIC PROPHECY AS A HERMENEUTIC KEY FOR DECODING THE KINGDOM OF GOD SYNOPTIC CONCEPT

*Naftali Guerra*¹

Resumo: O presente trabalho consiste em uma breve revisão histórica das raízes que deram origem à proclamação sinótica do “reino de Deus” e busca elucidar o significado teológico implícito nessa expressão. Verifica-se que o “Reino” anunciado por Cristo nos evangelhos apresenta dupla perspectiva, sendo a primeira ligada à iminente proclamação da autoridade divina sobre a Terra, mediante o poder do Espírito manifesto por Jesus, seguido dos apóstolos e de todos que creem, e a segunda relacionada ao conceito apocalíptico da consumação escatológica na qual se crê que Deus irá destruir os filhos das trevas, estabelecer os filhos da luz e inaugurar uma nova era de paz além da História. Ao final do estudo constatou-se que a proclamação feita por Cristo tem origem na literatura apocalíptica e, portanto, deve ser interpretada a partir do panorama da luta entre o bem e o mal na qual o Espírito Santo ocupa papel preponderante.

Palavras-chave: Reino. Apocalíptica. Sinóticos. Espírito Santo.

Abstract: The present work consists of a brief historical review of the roots which gave rise to the synoptic proclamation of the “kingdom of God” and seeks to elucidate the theological meaning implicit in this expression. It appears that the “Kingdom” announced by Christ in the gospels presents a double perspective, the first is linked to the imminent proclamation of divine authority on Earth, through the power of the Spirit manifested by Jesus, followed by the apostles and all believers, and the second is related to the apocalyptic concept of the eschatological consummation in which it is believed that God will destroy the children of darkness, establish the children of light and inaugurate a new era of peace beyond history. At the end of the study it was found that the proclamation made by Christ has its origin in apocalyptic literature and, therefore, must be interpreted from the perspective of the struggle between good and evil in which the Holy Spirit plays a leading role.

Keywords: Kingdom. Apocalyptic. Synoptics. Holy Spirit.

Introdução

A erudição moderna é quase unânime ao afirmar que o Reino de Deus é a mensagem central de Jesus (LADD, 2003, p. 84). O evangelho de Marcos introduz a missão de Jesus com as seguintes palavras: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,14-15, grifo nosso).

¹ Mestrando em Teologia Cristã pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: naftaliguerra35@gmail.com

Mateus resume o seu ministério declarando: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, *pregando o evangelho do reino* e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4,23, grifo nosso). Por sua vez, o evangelho de Lucas cita uma profecia de Isaías a respeito da vinda do Reino e depois relata a afirmação de Jesus: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lc 4,21).

Cerca de dois milênios após esses eventos fazem-se as seguintes perguntas: Onde está o eminente Reino proclamado por Cristo no início do primeiro século? Jesus propôs uma utopia? Ele prometeu um reino, mas deixou uma igreja (LADD, 2003, p. 84)? A proclamação do Reino foi apenas um invólucro que ocultava uma ética de amor, de irmandade e de paternidade, cerne da verdadeira mensagem de Jesus (LADD, 2003, p. 84)? Cristo anunciou um reino exclusivamente apocalíptico e escatológico como propôs Alberto Schweitzer em sua “Escatologia Consistente”²? Seu anúncio deve ser interpretado a partir da perspectiva quase platônica da “Escatologia Realizada”, de C. H. Dodd (LADD, 2003, p. 85; NAH, 2018)³? Ou o mais correto é interpretá-lo por meio da visão mais equilibrada da “Escatologia Inaugurada”⁴ (NAH, 2018)? Jesus foi um desiludido mestre apocalíptico do primeiro século (LADD, 2003, p. 84)? Ele anunciou um reino que existe apenas em um nível espiritual ou metafórico?

Tendo em vista essas questões, este artigo realiza uma breve revisão histórica das raízes que deram origem à proclamação sinótica do “reino de Deus” e busca elucidar o significado teológico implícito nessa expressão.

1. O conceito de “Reino de Deus” durante o período pré-exílico

Antes de entender o conceito de “Reino de Deus” presente nos evangelhos sinóticos, faz-se necessário compreendê-lo a partir de suas origens no contexto da religião de Israel. Há poucas referências que expressam a ideia de um “reinado de Deus” antes do início da monarquia (DAVID, 2016), a própria expressão “o Reino de Deus” não ocorre

² “Escatologia Consistente é a perspectiva de Alberto Schweitzer (1875-1965) e seus seguidores. Eles construíram sobre o trabalho pioneiro de Weise e entenderam a visão de Jesus sobre o reino como um evento apocalíptico inteiramente futuro.” (NAH, 2018, não paginado).

³ “A Escatologia Realizada rejeita qualquer referência futura para a frase ‘reino de Deus’ e enfatiza a dimensão atual, já atualizada. De acordo com o proponente mais importante dessa visão, C. H. Dodd (1884-1973), Jesus não proclamou que o reino de Deus ‘se aproximou’, mas sim que ‘veio’.” (NAH, 2018, não paginado).

⁴ “A posição final, representando um consenso cada vez mais emergente, é a Escatologia Inaugurada. Como uma posição de síntese, essa visão busca a justiça tanto para o componente do ‘já’ quanto para o ‘ainda não’ do reino, evitando os extremos do ou isso, ou aquilo.” (NAH, 2018, não paginado).

no Antigo Testamento (LADD, 2003, p. 87), contudo é possível obter um vislumbre do pensamento a partir da perspectiva teológica da aliança.

De acordo com o pensamento hebreu, Deus é rei de Israel, assim como é rei de toda a Terra (LADD, 2003, p. 84). Contudo, Seu reinado não é mecanicamente exercido sobre os povos de forma autoritária, impositora ou ditatorial. Para viver sob seu governo é preciso fundamentalmente a aceitação voluntária de um convívio pactual com Ele – tal aliança se realizou entre Deus e Israel e foi ratificada por meio do estabelecimento de uma teocracia. Jeremias declara:

Para o antigo judaísmo, o reinado permanente de Deus é o *seu ser senhor sobre Israel*. Com certeza ele é o criador de todo mundo e de todos os povos, mas os povos dele se afastaram. Quando lhes ofereceu mais uma vez o reino no Sinai, só Israel se lhe sujeitou, e desde então ele é rei de Israel. O estabelecimento desse reino deu-se, pois, pela proclamação da vontade real que consta na lei, e o reinado de Deus se tornará visível em todo lugar em que pessoas se sujeitam, por livre decisão, em obediência, à lei. (JEREMIAS, 2004, p. 163).

Segundo o Pentateuco, o ideal de “Reino” inicialmente repousava sobre o conceito simplista de habitar a terra prometida e nela viver sob a bênção e a proteção de Deus em um contexto teocrático (Ex 6,2; Dt 6,1-25). Com a chegada do período monárquico, foi agregado a esse ideal um novo elemento: trata-se do surgimento do dogma “[...] de que Iahweh tinha escolhido Sião como sua eterna morada, fazendo uma aliança com Davi, para que sua descendência reinasse para sempre.” (BRIGHT, 2018, p. 538).

A partir de então o trono do monarca passou a ser visto como o trono de Deus (1Cr 28,5; 29,53) e o seu reino como a extensão do reino de Deus (DAVID, 2016). Por meio do líder davídico, acreditava-se que as promessas divinas previstas na aliança seriam cumpridas em Israel.

Contudo, mais tarde, a política opressiva de Salomão alienou completamente o norte de Israel do governo de Jerusalém, as crescentes tensões explodiram, levando ao desmembramento do reino.

Do ponto de vista econômico, Israel (reino do norte) tornou-se um estado desenvolvido e rico, paralelamente Judá (reino do sul) permaneceu um reino rural e subdesenvolvido, onde predominava uma cultura aldeã, com agricultores e criadores de gado (PEETZ, 2022, p. 143-144).

Além dos reveses de ordem econômica, o reino de Judá passou por altos e baixos originados em adição a sucessivas crises internas e externas, o que tornou embrionária a

expectativa da vinda de um Messias davídico que supostamente promoveria o retorno da semente de Abraão à fidelidade a Deus e restauraria a glória perdida do reino, conforme pontua Bright (2018, p. 416), que também resume esperança no pré-exílio com as seguintes palavras:

Em Israel de antes do exílio, a esperança era posta na nação existente, e considerada como a continuação e a consumação da história nacional. Cria-se que Iahweh iria estabelecer Israel, dar-lhe a vitória sobre seus inimigos e uma felicidade sem par sob o seu governo divino. (BRIGHT, 2018, p. 538).

Contudo, após a destruição do templo, da cidade de Jerusalém e a deportação de Judá para a Babilônia, a esperança dinástica gradativamente passou a assumir um novo contorno.

2. O conceito de “Reino de Deus” durante o período pós-exílico

No ano de 598 a.C., ocorreu a primeira deportação do reino de Judá e Jerusalém para a Babilônia. A despeito da derrota, havia entre os exilados a expectativa do breve retorno para o lar, contudo esta desvaneceu após a segunda deportação ocorrida no ano 587 a.C. (PEETZ, 2022, p. 194).

Esse ano representou para a vida nacional e religiosa dos judeus um corte radical. A dinastia davídica que governou Judá por mais de 500 anos acabou. A soberania e a terra na qual Judá se constituiu como povo e como Estado se perderam, o templo de Jerusalém, centro da adoração de Iahweh, foi destruído (PEETZ, 2022, p. 194).

Tal ruptura impactou profundamente a teologia judaica: antes ela estava fundamentada na certeza de que Deus escolhera Sião para sua morada, de que Ele traria um rebento ideal da linhagem de Davi sob o qual um governo justo e benéfico finalmente iria estabelecer-se; contudo, após a tragédia, essa teologia nunca mais voltaria completamente à sua forma antiga (BRIGHT, 2018, p. 416).

Nos escritos dos profetas pós-exílicos, ainda se encontravam ecos da antiga esperança dinástica (BRIGHT, 2018, p. 416), o messias davídico ainda era aguardado, mas deixa de ter um papel central ou mesmo essencial na escatologia judaica (BRIGHT, 2018, p. 541).

Doravante, a característica dominante da esperança de Israel é o dia de Iahweh; possivelmente essa crença teve origem na expectativa da derrota de Babilônia e retorno

dos exilados, concebendo-se nela a ideia de um futuro dia de vingança de Deus contra todos os inimigos de Israel. Os acontecimentos que supostamente teriam lugar nesse evento não são descritos da mesma forma, contudo todas as narrativas têm em comum a noção de um ataque final das nações contra Jerusalém, no qual Deus intervém com cataclismos e prodígios, derrotando os inimigos com grande carnificina e restaurando seu povo (BRIGHT, 2018, p. 540).

Nesse período, observa-se que a esperada escatologia ainda era considerada no contexto da História, todavia não era concebida como continuação ou mesmo um aperfeiçoamento da ordem existente, como se concebia no antigo Israel, mas como uma intervenção divina catastrófica, que redundaria numa ordem nova e diferente (BRIGHT, 2018, p. 540). “Quando o período do Antigo Testamento estava terminando, a escatologia judaica começou a expressar-se numa forma nova, conhecida como apocalipse, com ela começou uma nova fase.” (BRIGHT, 2018, p. 542).

3. O conceito de “Reino de Deus” na literatura apocalíptica

Não faz parte dos propósitos do presente estudo delinear sobre todos os elementos que compõem a literatura apocalíptica ou mesmo fazer suposições sobre quais influências internas ou externas possivelmente ela tenha recebido.

Nesse sentido, para chegar-se ao objetivo proposto neste estudo, adiante, serão brevemente destacadas algumas diferenças entre a literatura apocalíptica e o profetismo pré-exílico.

No profetismo pré-exílico, a luta acontecia entre Israel e as nações inimigas (LADD, 2003, p. 94); na literatura apocalíptica, entra em cena o elemento dualístico, os embates assumem proporções cósmicas e passam a ser disputados entre Deus e Satanás, luz e trevas (BRIGHT, 2018, p. 543), a história terrestre é vista como reflexo desse conflito (BRIGHT, 2018, p. 542).

No profetismo pré-exílico, havia uma expectativa do surgimento de um messias, da linhagem de Davi, que restauraria a antiga glória de Israel (LADD, 2003, p. 87); na literatura apocalíptica, esse messias assume ares transcendentais e é identificado com o “Filho do Homem” (JEREMIAS, 2004, p. 388).

No antigo Israel, a esperança estava ligada à posse da terra prometida e ao recebimento da proteção e das bênçãos de Deus em um contexto de uma teocracia (Ex 6,2; Dt 6,1-25); na literatura apocalíptica, a era presente é má e entregue aos poderes

malignos, a verdadeira recompensa dos justos se dará no século vindouro, com estabelecimento do Reino de Deus escatológico (LADD, 2003, p. 88).

No profetismo pré-exílico, o clímax da esperança de Israel se dá no contexto da História (LADD, 2003, p. 87). Na literatura apocalíptica, Iahweh estabelece uma nova era, um novo mundo além da História (BRIGHT, 2018, p. 543).

A perspectiva escatológica presente na profecia apocalíptica era o centro da esperança da comunidade de Qumran (LADD, 2003, p. 88) e, ao que parece, foi o conceito dominante que esteve por detrás da narrativa que deu origem aos evangelhos sinóticos, o que será tratado a seguir.

4. O conceito de “Reino de Deus” na perspectiva dos evangelhos sinóticos

Até mesmo um olhar apressado revela que os evangelhos sinóticos tiveram como pano de fundo a perspectiva literária apocalíptica, o que é notável pela: correspondência intertextual com o livro de Daniel⁵; a apologia feita à crença na ressurreição (Mt 22,23-31; Mc 12,18; Lc 20,36); o panorama da luta contra as forças espirituais de Satanás (Mt 4,1; 12,26; Mc 3,22, 8,33; Lc 10,18; 13,16); a narrativa da atuação de seres angélicos (Mt 1,20; Lc 1,13); o conceito de clímax escatológico no qual Deus intervém para pôr fim à ordem presente e inaugurar uma era nova (Mt 24; Mc 13; Lc 21) etc.

Dois conceitos presentes na literatura apocalíptica são fundamentais para a compreensão da perspectiva de “Reino de Deus” nos evangelhos sinóticos: a primeira relaciona-se aos dois éons, o presente e o futuro (JEREMIAS, 2004, p. 163); e a segunda está ligada ao dualismo presente na luta entre as forças espirituais da luz contra as trevas, Deus contra Satanás (BRIGHT, 2018, p. 543). Jeremias declara:

[...] havia duas expressões do conceito de reino de Deus no judaísmo. Assim como há dois éons, o presente e o futuro, assim se falava de um governo (permanente) de Deus no éon presente e de um (futuro) reinado de Deus no novo éon. (JEREMIAS, 2004, p. 163).

Isso é claramente exemplificado no livro de Daniel. Do reinado de Deus no presente diz-se: “[...] e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, *cujo domínio é*

⁵ Essa correspondência intertextual é notada por meio da citação do nome do anjo “Gabriel” (Lc 1,19-26), o uso de expressões como “Filho do Homem” (Mt 8,20; 24,27; Mc 9,31, 10,33; Lc 9,26, 12,40) e “abominável da desolação” (Mt 25,15), que também se fazem presentes no livro de Daniel (Dn 7,13; 8,16; 9,21; 11,31).

sempiterno, e cujo reino é de geração em geração.” (Dn 4,34, grifo nosso). Por sua vez, do governo futuro fala-se: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu *suscitará um reino* que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.” (Dn 2,44, grifo nosso).

Essa dupla perspectiva, ao que tudo indica, era parte fundamental do ensino de Jesus, ele tinha uma concepção de “Reino de Deus” presente (Mt 12,28; Lc 4,21, 11,20), ou que havia de se manifestar de forma iminente (Mt 3,2; 17; 10,7; Mc 1;15; 9,1; Lc 10,9-11; 19,11), e uma perspectiva de “Reino de Deus” a manifestar-se no futuro escatológico (Mt 24,29-31; Lc 13,28). Essa última é semelhante à crença partilhada nos círculos apocalípticos judaicos, havendo nela imagens surreais e metarrealistas (NEAL, 2020), que culminam em uma grande batalha final de onde Deus emerge verdadeiramente triunfante, como era no começo do universo (NEAL, 2020). Essas características são refletidas no discurso escatológico de Cristo:

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. (Mt 24,29-31).

É evidente que Jesus mantinha uma perspectiva escatológica futura ligada à sua concepção de “Reino de Deus”, a questão que fica em pauta é: O que Jesus tinha em mente quando anunciou a vinda iminente desse mesmo “Reino”? Para responder a essa pergunta faz-se necessário considerar um segundo conceito fundamental presente na literatura apocalíptica: o dualismo ligado à luta entre as forças espirituais da luz contra as trevas, Deus contra Satanás (BRIGHT, 2018, p. 543). Na literatura apocalíptica, tais embates encontram-se associados a descrições de atividades realizadas na Terra (JOHNSON, 2015, p. 874).

Um exemplo disso encontra-se mais uma vez descrito no livro de Daniel, nele revelando-se uma luta épica do arcanjo Miguel contra o “príncipe do reino da Pérsia”, possivelmente uma entidade espiritual maligna considerada patrona desse reino; o que estava em jogo eram aspectos ligados aos interesses do povo judeu (MAXWELL, 2009, p 282), ou seja, por trás dos movimentos militares e estratégicos dos reinos terrestres, existem lutas ocorridas no âmbito espiritual que as direcionam e determinam.

Ao que tudo indica, essa mesma luta espiritual contra os poderes de Satanás estava por detrás do pensamento sinótico ligado à vinda iminente do “Reino de Deus”. No livro de Mateus, por exemplo, após a narrativa do exorcismo, Jesus declara: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.” (Mt 12,28).

Jesus atrelou o conceito da chegada do “Reino de Deus” à presença do poder do Espírito que acabara de operar por seu intermédio, ou seja, uma luta ocorrida na dimensão espiritual redundou em vitória e libertação no mundo material. Portanto, o “Reino” que se fez presente não foi o *eschaton*, mas o poder de Deus manifesto por meio do Espírito que ataca o domínio de Satanás e liberta os homens do poder do mal, conforme destaca Ladd (2003, p. 92), que declara ainda:

Esse é um mistério insolúvel para a teologia do Novo Testamento, encontrado não apenas nos sinóticos, mas em outros textos. Os inimigos do Reino de Deus não são agora as nações hostis e ímpias, como no Antigo Testamento, mas sim os poderes espirituais malignos. A vitória do Reino de Deus é uma vitória do mundo espiritual: o triunfo de Deus sobre Satanás. (LADD, 2003, p. 94).

Essa perspectiva também se faz notória durante o embate de Jesus contra os fariseus; o evangelho de Lucas relata: “Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus *com visível aparência*. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus *está dentro de vós*.” (Lc 17,20, grifo nosso).

A fala de Jesus está profundamente conectada ao conceito joanino ligado à presença do “Espírito” – ao descrevê-lo, o quarto evangelho utiliza seguintes termos: “o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, *porque não o vê*, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco *e estará em vós*.” (Jo 14,17, grifo nosso).

Ao que tudo indica, o conceito sinótico de “Reino de Deus” está vinculado ao poder manifesto pelo “Espírito”, primeiramente por meio da pessoa de Jesus, depois, por meio dos apóstolos e de todos aqueles que creram. Todas as referências sinóticas que fazem menção ao “Reino de Deus” aparentemente evocam uma das duas dimensões: a iminente, ligada à presença do Espírito e o poder manifesto por Ele; ou a escatológica, relacionada à consumação final.

Isso lembra o relato do livro de Números em que o Espírito, que agiu por intermédio de Moisés, foi compartilhado com 70 anciãos de Israel (Nm 11,25), sendo tal

incidente seguido pela fala do patriarca: “Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!” (Nm 11,29).

Essa declaração revela a expectativa do que seria a expressão perfeita da manifestação do “Reino de Deus” no contexto teocrático da Antiga Aliança, contudo parece que a expectativa é utópica e não se consumou justamente porque estava condicionada à escolha particular de cada indivíduo.

Da mesma forma, o jugo do “Reino de Deus” na Nova Aliança é compartilhado somente entre aqueles que creem e o aceitam voluntariamente (At 8,37; 11,17), por isso, embora o “Reino” tenha sido inaugurado nos tempos de Cristo, ele ainda não é pleno no sentido de restringir por completo o poder do mal, pois nem todos o receberam. Segundo o ensino de Cristo, enquanto houver “filhos da luz” e “filhos das trevas”, haverá dois reinos, todavia o ideal de um único Reino divino caminha para a sua consumação no contexto escatológico de uma nova era, quando finalmente o trigo será separado do joio (Mt 13,36-43) e os cabritos das ovelhas (Mt 25,32).

Considerações finais

Na introdução deste estudo, foram realizadas as seguintes perguntas: Onde está o eminente Reino proclamado por Cristo no início do primeiro século? Jesus propôs uma utopia? Ele prometeu um reino, mas deixou uma igreja (LADD, 2003, p. 84)? A proclamação do Reino foi apenas um invólucro que ocultava uma ética de amor, de irmandade e de paternidade, cerne da verdadeira mensagem de Jesus (LADD, 2003, p. 84)? Cristo anunciou um reino exclusivamente apocalíptico e escatológico como propôs Alberto Schweitzer em sua “Escatologia Consistente”? Seu anúncio deve ser interpretado a partir da perspectiva quase platônica da “Escatologia Realizada”, de C. H. Dodd (LADD, 2003, p. 85; NAH, 2018)? Ou o mais correto é interpretá-lo por meio da visão mais equilibrada da “Escatologia Inaugurada” (NAH, 2018)? Jesus foi um desiludido mestre apocalíptico do primeiro século (LADD, 2003, p. 84)? Ele anunciou um reino que existe apenas em um nível espiritual ou metafórico?

Ao final deste estudo, constatou-se que a profecia apocalíptica é a chave hermenêutica para a compreensão do conceito sinótico de “Reino de Deus”, devendo este, portanto, ser interpretado a partir da perspectiva da luta espiritual contra o mal, cujos resultados são revelados no mundo material.

Assim sendo, o “Reino” anunciado por Cristo nos evangelhos possui dupla perspectiva: em primeiro lugar ele está ligado à iminente proclamação da autoridade divina sobre a Terra, o que se dá pelo poder do divino Espírito manifesto primeiramente por meio Dele (Jesus), depois por meio dos apóstolos e de todos que creem; em segundo lugar, o “Reino” está relacionado ao conceito apocalíptico da consumação escatológica na qual se crê que Deus irá destruir os filhos das trevas, estabelecer os filhos da luz e inaugurar uma nova era de paz além da História.

Nesse sentido, portanto, Jesus não propôs uma utopia, já que ele não prometeu a iminência de nenhum reino perfeito no contexto da História. Também não garantiu um “Reino”, deixando depois uma Igreja. Nas palavras de Ladd (2003, p. 84): “A Igreja constitui o povo do Reino, mas não pode ser identificada com o Reino.”

Seguindo o mesmo pensamento, conclui-se que, embora preceitos morais de amor, irmandade e paternidade façam parte da ética do “Reino”, eles também não podem ser identificados como “Reino”.

Jesus não manteve uma perspectiva exclusivamente escatológica, como defende Alberto Schweitzer, e nem concebeu uma ordem transcendente do tempo e do espaço que irrompe exclusivamente na História, como propõe C.H. Dodd. As perspectivas presente e futura estão implícitas, contudo, devem ser interpretadas sob o pano de fundo da profecia apocalíptica, o que também não o faz a proposta interpretativa da “Escatologia Inaugurada”.

O Jesus dos evangelhos demonstrou total consciência do anúncio que estava fazendo, assim, Ele não pode ser taxado de “desiludido” pela não chegada de um “Reino” concebido nos moldes humanísticos.

O “Reino de Deus”, para Cristo, não subsiste apenas no sentido espiritual e metafórico, o pano de fundo apocalíptico sob o qual ele deve ser interpretado revela que ocorrências do mundo espiritual se encontram associadas a descrições de atividades realizadas na terra.

Por fim, reitera-se que a interpretação dos evangelhos sinóticos sem a devida consideração pelo seu contexto literário equivale a reduzi-lo a uma mera perspectiva humanística na qual todos os tipos de interpretações históricas e filosóficas são possíveis, mas que, por estarem desprovidas de seu pano de fundo original, acabam se revelando parciais, desajustadas e artificiais.

Uma adequada análise do contexto literário revela que a profecia apocalíptica é a chave hermenêutica que decodifica o conceito sinótico de “Reino de Deus” tornando coerente a proclamação central de Cristo nos evangelhos.

Referências

- BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRIGHT, J. **História de Israel**. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi, Eliane Cavaliere Solano Rossi. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2018.
- DAVID, Seal. Kingdom of God, ed. *In*: BARRY, John D. *et al.* **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.
- JEREMIAS, J. Teologia do Novo Testamento: Nova Edição Revista e Atualizada. 1. ed. São Paulo: Editora Teológica. 2004.
- JOHNSSON, Willian G. Apocalíptica Bíblica. *In*: DEDEREN, Raoul (ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. Cap. 22, p. 874.
- LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**: Edição Revisada. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2003.
- NAH, David. “O Já e o Ainda Não”. *In*: ELLIS, Brannon; WARD, Mark (ed.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018. *E-book* não paginado.
- MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- NEAL, D. A. Introduction to Apocalyptic Literature. *In*: BARRY, John D. (ed.). **Lexham Bible Dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.
- PEETZ, Melaine. **O Israel Bíblico**: História, Arqueologia, Geografia. 1. ed. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2022.

Recebido em: 07/06/2023
Aprovado em: 28/06/2023